

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
RELATÓRIO FINAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
(DEZEMBRO DE 2007 A MAIO DE 2008)

**UM ESTUDO DAS MUDANÇAS NA ESCRITA E NA PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS, DO SÉCULO XVII
AO SÉCULO XVIII, COM BASE EM DOIS TRATADOS DE ORTOGRAFIA**

(Processo: 2007/00875-6)

Bolsista: Cynthia Tomoe Yano

Orientadora: Charlotte Marie Chambelland Galves

1. Introdução

O projeto de iniciação científica intitulado *Um estudo das mudanças na escrita e na pronúncia do português, do século XVII ao século XVIII, com base em dois tratados de ortografia* (processo Fapesp 2007/00875-6) é parte do projeto temático *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística - Fase II* (processo Fapesp 2004/03643-0) e tem como objetivo principal observar e descrever mudanças morfo-fonológicas do português europeu, na virada do século XVII ao século XVIII, a partir da análise de dados obtidos através de dois tratados de ortografia: a *Ortografia da Língua Portuguesa*, de João Franco Barreto (1671), e a *Ortographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, de João de Moraes Madureira Feijó (1739).

O corpus selecionado para a pesquisa é constituído por duas listas de “erros” e “emmendas” da ortografia das palavras em língua portuguesa, apresentados nos capítulos *Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas*, da obra de João Franco Barreto (1671), e *Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as fuas emmendas em cada letra*, da obra de João de Moraes Madureira Feijó (1739). As listas se organizam na forma de duas colunas: uma intitulada “Erradas”, na qual são listadas as palavras grafadas incorretamente, e outra, “Emmendas”, com as suas formas corretas. Cada

grupo de palavras, contendo as suas formas “errada” e “emmendada”, foi considerado como um dado.

Na primeira etapa do projeto, foi realizada a leitura e resenha dos dois tratados de ortografia e a classificação dos dados. Para esta última tarefa, levou-se em conta a variação gráfica entre uma e outra forma de uma mesma palavra, tomando a “emmenda” como base e a “errada” como resultado do fenômeno, a partir da qual seria possível depreender as mudanças ocorridas na pronúncia da língua. Teve-se em mente aqui a noção de que o poligrafismo, surgido da dúvida dos escribas e copistas de como deveriam ser grafadas as palavras, pode ser visto como um reflexo das mudanças lingüísticas que o português sofreu, uma vez que transparecia na escrita marcas da pronúncia da língua (cf. Gonçalves, 1992).

Já na segunda etapa do trabalho, realizado no período a que se refere este relatório, foi feita uma análise mais detalhada dos dados, tendo em vista, mais especificamente, as diferenças entre as duas listas para, assim, se chegar ao objetivo inicial do projeto, isto é, a uma descrição comparativa e diacrônica dos dados. Para tal tarefa, foram separados os fenômenos fonéticos dos puramente ortográficos, os quais não apresentam relevância para a análise aqui proposta uma vez que essas flutuações gráficas existiam desde o período do português arcaico ou mesmo já no latim vulgar. E a partir desta divisão, foi feita uma reclassificação dos dados, que se mostrou necessária, uma vez que se notou que, por ter sido tomada como base a palavra e não o fenômeno fonético, a classificação anterior estava muito ampla, dificultando a realização de uma análise mais sistematizada dos dados.

2. A reclassificação dos dados

Como já mencionado acima, nesta segunda etapa da pesquisa foi necessário reorganizar os dados do corpus¹ e modificar os critérios de classificação atribuídos a eles, de modo a explicitar melhor quais eram as variações fonéticas ocorrentes no português da época que se refletiam na escrita das palavras.

Como mencionado acima, foram separados os fenômenos fonéticos dos puramente ortográficos, que não apresentam relevância para esta análise. Com relação a estes, foram encontradas as variações entre as grafias de <u>/<v>, <i>/<y>, <ll>/<l>, <h>/∅, <ph>/<f>, do ditongo nasal [ẽũ], de grupos consonantais como <pt> e <ct> e <j>/<g> precedido de <e> ou <i>. Quanto à variação entre <u> e <v>, Ilari, 2006 afirma que no período latino a fricativa lábio-dental <v> se desenvolveu a partir da semivogal <u>, em alguns entornos, dentre os quais o mais importante é o sufixo *-ivu*. E durante o período românico, o tratamento de <v> inicial passou a ser análogo ao de <v> em posição medial, passando, por exemplo, de *vinu* [uĩnu] para *vinu* [b] no sardo, *vin* [v] no romeno, *vino* [v] no italiano, *vin* [v] no francês, *vino* [β] do espanhol e *vinho* [v] no português. A respeito das consoantes geminadas como <ll>, que passou posteriormente a <l>, até o latim vulgar elas foram mantidas, em distinção às simples correspondentes. Porém, durante o período românico, elas foram simplificadas em todas as línguas românicas do ocidente e no romeno. Somente no italiano e no sardo elas foram mantidas até os dias de hoje, em palavras como *istuppa* no sardo, e *stoppa* no italiano, que evoluíram do latim vulgar *stuppa* que, diferentemente, se derivou em *etoupe* no francês, *estopa* no espanhol e *estopa* no português. (cf. Ilari, 2006) De modo diverso, <h> desapareceu já no latim vulgar. Quando presente em algumas escritas das línguas românicas, tem um caráter de diacrítico ou representa uma reconstituição erudita. Nenhum vestígio da aspiração de <h> restou nas línguas românicas - o chamado “*h* aspirado” do francês, que também já se perdeu, é de origem germânica, não latina. Assim, *herba* do latim clássico passou a *erba* no latim vulgar, que então passou a *erba* no sardo, *iarba* no romeno, *erba* no italiano, *herbe* no francês, *yerba* no espanhol e *erva* no português. (cf. Ilari, 2006) Já a respeito da unificação da grafia do ditongo nasal [ẽũ], Teyssier, na sua obra intitulada *História da Língua*

¹ Para a visualização dos dados reorganizados, uma parte do material se encontra impressa e o corpus completo se encontra salvo em um CD-R, ambos em anexo ao relatório.

Portuguesa, afirma que ela se deu por volta de 1500, após a redução dos hiatos *ã-o*, *ã-e* e *õ-e*, resultantes da queda de consoante nasal intervocálica no galego-português. Assim, todas as palavras que possuíam primitivamente *-an* (*-am*) e *-on* (*-om*) convergiram para uma única terminação *-ão*, como se é possível verificar nos seguintes exemplos: *manus* > *mã-o* > *mão*, *canes* > *can/cam* > *cão*, *leonis* > *leon/leom* > *leão*. E quanto aos grupos em que a segunda consoante é uma dental, como <pt> e <ct>, é dito que já no período latino eles se desfizeram pela queda da consoante inicial, que se assimila à segunda, e se vocaliza ou cai. E no período românico, sofre vários tratamentos: por exemplo, *fructa* no latim vulgar, passou a *frupt* no romeno, *frutta* no italiano, *fruit* no francês, e *fruta* no espanhol e no português.

Já quanto aos fenômenos fonéticos, foram encontradas as seguintes ocorrências:

- Metaplasmos, dentre os quais *prótese*, *epêntese* e *paragoge*, em que se acrescenta algo no início, meio e final de palavra, respectivamente, e *aférese*, *síncope* e *apócope*, em que se retira algo no início, meio e final de palavra, respectivamente.
- Metátese, em que há troca de posição de consoantes;
- Variação ~ <v>;
- Variação <l> ~ <r>;
- Variação ~ <m>;
- Variação <t> ~ <d>;
- Variação <l> ~ <n>;
- Variação <m> ~ <p>;
- Grafia influenciada pelo espanhol;
- Derivação morfológica;
- Palatalização;
- Formação de plurais;
- Diferenciação de <ou>/<o>→<oi>/<o> e <ei>→<e>;
- Variação da grafia de sibilantes: <c>, <ç>, <s>, <z>, <ss>, <ch>, <x>, <sc> e <cc>;

- Variação <c>↔<ch>, <ch>↔<qu>, <qu>↔<co>, <g>↔<ch>, <gu>↔<go>, <gu>↔<g>, <c>↔<g> e <c>↔<qu>;
- Alteamento e abaixamento de vogal: [i]↔[a], [a]↔[u], [y]↔[e], [e]↔[i], [o]↔[u], [a]↔[e], [a]↔[i], [a]↔[o], [e]↔[o], [i]↔[o], [i]↔[u] e [e]↔[u].

E dentre estes, para efeito de análise, foi realizada uma subdivisão, levando-se em conta três critérios: quando a correção dos dois gramáticos segue o mesmo sentido, ou seja, é a mesma, como se observa, por exemplo, em *avaliar-avalar* e *começar-compeçar*², em Franco Barreto, e *avaliar-avalar* e *começar-compeçar*, em Madureira Feijó, em que em ambas as palavras as formas tomadas como corretas são exatamente as mesmas; quando a correção é oposta, como, por exemplo, em *rendeyro-rindeiro* e *teftimunho-teftemunho*, em Franco Barreto, e *rindeiro-rendeiro* e *teftemunho-testimunho*, em Madureira Feijó, em que as formas tomadas como corretas pelo primeiro são tomadas como erro pelo segundo; e os fenômenos considerados por um gramático, porém não pelo outro. Dentre este critério, se observa, somente em Franco Barreto, a influência do bilingüismo luso-espanhol e a ocorrência do fenômeno da diferenciação do ditongo <eu> em <ei>, uma única vez no dado *reuma-reima*. E, somente em Madureira Feijó, aparecem ocorrências dos seguintes fenômenos:

- Apócope, em que se retira algo no final da palavra;
- Variação <t> - <d>;
- Variação <l> - <n>;
- Variação <m> - <p>;
- Alteamento e abaixamento de vogal: [i]↔[a], [a]↔[u] e [y]↔[e];
- Variação da grafia de sibilantes: <sc> e <cc>;
- Variação <c>↔<ch>, <ch>↔<qu>, <qu>↔<co>, <g>↔<ch>, <gu>↔<go>, <gu>↔<g>;
- Palatalização;

² Para efeito de distinção, todos os dados serão apresentados em pares, com a forma “emmendada” em negrito e itálico e a forma “errada” somente em itálico, sempre separadas por -. E quando ambas as grafias de uma mesma palavra forem aceitas, tomadas como “emmendas” pelos autores, como ocorre em alguns dados, será utilizado / no lugar de -.

- Formação de plurais.

Por fim, para a análise comparativa dos dados foi também levado em conta o fato de que as variações morfo-fonológicas entre as formas das palavras se dão por duas razões: temporal e geográfica. Ou seja, há casos em que a ocorrência da variação se deve não especificamente a evolução da língua no decorrer de um determinado período de tempo, mas sim a variação dialetal entre os falantes da língua. Neste caso, foi considerada a proveniência dos autores dos tratados - João Franco Barreto nascido em Lisboa e João de Moraes Madureira Feijó, em Trás-os-Montes -, a quem se devem os julgamentos de valor dados à ortografia das palavras presentes nas listas que constituem o nosso corpus de trabalho.

3. Apresentação e análise dos dados

Nesta etapa passaremos à identificação e descrição de alguns dos fenômenos encontrados e dos contextos em que ocorrem nos dados.

3.1. Variação - <v>

Na sua *Ortografia*, Franco Barreto diz que a primeira consoante é a letra *B*. Esta “Pronunciafe cõ a respiraçã, que chegando aos beyços eftando cerrados, & juntos, os abre, & do meyo delles fae o fõ cõ feu inteyro foido, bẽ por effa razã fe chama letra labial.”³ Por apresentar semelhança fônica com a letra *V*, o autor relata que muitos falantes de Entre Douro e Minho, principalmente os que residem mais próximo à Galiza, trocam uma pela outra na pronúncia das palavras, e dizem, por exemplo, *bento* ao invés de *vento*, *bos*, *boffo* ao invés de *vos*, *voffo*, *bida* ao invés de *vida*, entre outros. E o contrário também se observa, ou seja, o que se grafa e pronuncia com , eles escrevem e dizem com <v>. Barreto cita também, como exemplos em que há variação entre estas duas letras, o castelhano e a evolução do latim para

³ Barreto, João Franco. *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa: Officina de Ioam Da Costa. 1671. Pág. 113.

o português, em que muitas palavras com passaram a <v>, como em *caballus* > *cavalo*, *cibus* > *cebo*, *faba* > *fava* etc.

Já Madureira Feijó, na sua *Ortographia*, afirma que se pronuncia “(...) com os beiços brandamente abertos no meyo, como nefas palavras *Bom*, *Bonus* etc.”⁴ E que, assim como já o disse Franco Barreto, quanto ao seu uso em início ou meio de palavra, há o vício de trocar por <v> e vice-versa, principalmente em Entre Douro e Minho. Feijó explica que essa confusão ocorre, pois por muito tempo esta província foi habitada pelos gregos, os quais não tinham no seu alfabeto nem <u> nem <v> e que, por isso, escreviam no lugar de <v> e <o> e <y> no lugar <u>. Para evitar tal confusão, o autor diz que se deve sempre levar em conta as analogias e as etimologias das palavras, e imitá-las.

Segundo Paul Teyssier, no seu livro *História da Língua Portuguesa*, /b/ e /v/ são, desde o galego-português, dois fonemas distintos. Porém, em uma larga zona do centro e do norte de Portugal há, hoje em dia, um fonema único, como no espanhol. Ou seja, esse fonema é sempre bilabial, mas pode ser realizado, conforme o contexto em que aparece, como uma oclusiva [b] ou como uma fricativa [β], o que resulta em confusões entre palavras como *bala* e *vala*, *cabo* e *cava*. As razões pelas quais este fenômeno existe ainda são bastante obscuras, porém o que se acredita é que toda a Península Ibérica teria tido um primeiro contato com a distinção entre um /b/, uma oclusiva bilabial, e um /v/, uma fricativa labiodental. Depois, a confusão entre os dois fonemas teria se generalizado, sem atingir as regiões do sul de Portugal. Outra possibilidade é a de que a distinção primitiva teria sido entre duas bilabiais, a oclusiva [b] e a fricativa [β], que, com o tempo, acabaria por desaparecer, com exceção das regiões centro e norte do país, onde haveria uma resistência, graças à passagem de /b/ bilabial a /v/ labiodental.

Pela leitura dos dados, é possível observar dois tipos de variação: uma em que as palavras são vulgarmente grafadas com e corrigidas para <v> pelos gramáticos, como nestes

⁴ Feijó, João de Moraes Madureira. *Ortographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Coimbra: Officina De Luis Secco Ferreira. 1739. Pág. 41.

exemplos: em Franco Barreto, *vifconde-bifconde*, *vitualha-bitalha/bitualha*, *varrer-barrer*, e em Madureira Feijó, *avestruz-abeftruz*, *alavanca-alabanca*, *aljava-aljaba*, *averiguar-abrigoar*, *avestruz-abeftruz*, *azeviche-azebiche*, *varrer-barrer*, *vaffoura-baffoura*, *vefpa-befpa*, *vôdo-bôdo*, *volatim-bolatim/borlantim*, *vulcão-bulcão*, *condestável-condeftable*, *eftável-estable*, *cotovia-cotobia*, *craváta-gorbáta*, *vouga-bouga*, *vouzéla-bouzéla*, *vozéar-bouzear*; e outra em que ambas as formas, tanto grafadas com quanto com <v> são aceitas, como fica claro nos seguintes exemplos, presentes somente na *Ortographia* de Feijó: *cobarde/covarde*, *efcavéche/efcabéche*, *mafcabado/mafcavado*, *sôrva/sôrba*, *sôrvas/sôrbas*, *vefûgo/befûgo*.

Com relação aos exemplos apresentados por Franco Barreto e Madureira Feijó, é possível observar que as suas correções tomam a mesma direção, sendo sempre tomadas como corretas as grafias de <v>, e não de . Porém, talvez por razão dialetológica, como afirma Teyssier que no norte de Portugal a distinção entre a oclusiva [b] e a fricativa [β] não caiu, em Feijó também se encontra exemplos em que as duas grafias são aceitas, o que demonstra uma flutuação, uma variação, na pronúncia dessas duas consoantes.

3.2. Monotongação de <ou>

A respeito da monotongação de <ou>, nos seus tratados, Franco Barreto e Madureira Feijó não dizem nada, somente apontam a existência do ditongo <ou> em palavras como *coufa*, *couro*, *dous*, *couto*, *açoute*, *eftouro*, *Mouro*, *ouro*, *touro*, *tefouro*.

Segundo Paul Teyssier, no seu livro *História da Língua Portuguesa*, o ditongo <ou> passou a <o> no português comum no século XVII, no sul e na maior parte do centro de Portugal, com exceção do distrito de Leiria e da região norte, onde o ditongo foi mantido até os dias de hoje. Assim, algumas das palavras que possuíam um <ou> sofreram a monotongação - enquanto outras sofreram a diferenciação de <ou> em <oi>, sobre o qual será discutido mais adiante.

Pela leitura dos dados, é possível observar as seguintes ocorrências de monotongação de <ou>: em Franco Barreto, *ociofo-ouciofo*, *oficio-ouficio*; e em Madureira Feijó, *caffoulêta/caffolêta*, *choupa/chôpa*, *choupo/chôpo*, *poupa-popa*, *vouzêla-vozêla*.

É interessante notar que em Barreto ambos os exemplos apresentados têm as suas correções grafadas com <o>, ao invés do ditongo, o que demonstra o fato de que, por ser natural de Lisboa, o autor já percebia e aceitava a monotongação de <ou>, como afirma Teyssier que tal mudança já existia no século XVII, na região sul de Portugal. Em Feijó, porém, se observam tanto exemplos em que ambas as formas gráficas são aceitas quanto exemplos em que apenas a forma com o ditongo é aceita. Para estes últimos, explícitos em *poupa-popa*, *vouzêla-vozêla*, parece ser evidente se tratar de um caso dialetal, uma vez que o autor é natural de Trás-os-Montes, na região norte de Portugal, onde se mantém até os dias de hoje a pronúncia do ditongo. Apesar disso, como já mencionado, há casos em que se nota que ambas as ortografias são tomadas como corretas, como em *caffoulêta/caffolêta*, *choupa/chôpa*, *choupo/chôpo*.

3.3. Diferenciação do ditongo <ou> em <oi>

A respeito da diferenciação de <ou> em <oi> ou <oy>, Franco Barreto, na sua *Ortografia*, aponta a existência de uma confusão entre os dois ditongos em palavras como *coufa*, *couro*, *açoute*, *eftouro*, *Mouro*, *ouro*, *touro*, *tesouro*. Já Madureira Feijó não faz nenhum comentário sobre essa variação, apenas diz que se grafa <oy> em palavras como *boy*, *boys*, *arroyo*, *arroyos* etc., e <oi> em *foi*, *sois*, *pois* etc., pois não é pronunciado como um hiato; e <ou> em *dou*, *sou*, *vou*, *mouro*, *soufa*, *touro*, *dous* etc.

Lindley Cintra, no seu artigo intitulado *Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*, afirma não saber ao certo em quais regiões de Portugal se usa <oi>, mas que Leite de Vasconcelos, na sua *Esquisse d'une dialectologie* (apud Cintra, 1970), diz que a sua existência abrange praticamente todo o país, pois alterna com <ou> em palavras como *dois* ou *dous*, *oiro* ou *ouro*, e que às vezes pode ser uma marca dialetal, como em *oivir*,

toica, falados somente em Moncorvo⁵. Citando também Paiva Boléo, diz que <oi> é mais popular e mais utilizado que <ou>, em palavras que normalmente têm <ou>, como *oirives*, *oitono*, *oitubro*, e que, em algumas regiões, como no Norte, <ou> é mais corrente, em palavras que normalmente têm <oi>, como *loura*, *biscouto*, *doudeira*. Mais adiante, porém, faz uma ressalva e afirma que “(...) parece-me necessário afastar a noção, que se pode depreender da formulação de Leite de Vasconcelos de que, em qualquer falar regional, |o̞u| ou |o̞| alterne com |o̞i̞| em certas palavras. Essa alternância que em alguns casos existe realmente na língua corrente das cidades, julgo-a desconhecida da linguagem das aldeias. Diz-se nelas *cousa* ou *coisa*, *touro* ou *toiro*, *outro* ou *oitro*, *outeiro* ou *oiteiro*.”⁶

Ademais, também afirma que não há nenhum dialeto no português no qual não se observe a existência do ditongo <oi>, além de <ou> e <o>, pelo menos não nas palavras que possuem um <i> etimológico, em que há assimilação com a sílaba seguinte, como em *coiro*, ou a vocalização da consoante <c> no grafema <ct>, como em *noite*.

Indo um pouco mais adiante, segundo Paul Teyssier, no sul e na maior parte do centro de Portugal, todas as palavras que possuíam um <ou> ou sofreram monotongação em <o> ou passaram a <oi>, do qual surgiram os pares *touro-toiro*, *ouro-oiro*, *cousa-coisa*, entre outros. O surgimento desta variante <oi> está estritamente ligada à monotongação, já que o ditongo era uma forma de evitar a monotongação. Porém, com isso, passou a haver também a confusão com <oi> já existente na língua em palavras como *noite*, *oitro* etc.

Pela leitura dos dados, em Franco Barreto, aparece apenas uma ocorrência de ***denoute-dinoite***. E em Madureira Feijó aparecem formas em que a “emmenda” é a grafia <oi>, como em ***coifa-coufa***, ***coitado-coutado***, ***dezoito-dezouto***, ***oitro-oiro***, ***tejoila-tejoula***, ***noite-noute***, e outras em que a “emenda” é a grafia de <ou>, como em ***acoutar-acoitar***, ***açougue-açoigue***,

⁵ Moncorvo situa-se no norte de Portugal, mais especificamente na região de Trás-os-Montes, próximo da fronteira com a Espanha.

⁶ LINDLEY CINTRA, Luis Filipe. "Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico". In: Primeiro Simpósio de Filologia Românica (Rio de Janeiro 1958). *Anais*. Rio de Janeiro. 1970. Pág. 122.

açoutar-açoitar, açoute-açoite, adoudado-adoidado, affoutar-affoitar, affouto-affoito, agourar-agoirar, agouro-agoiro, alcouce-alcoice, alcoutim-alcoitim, almoural-almoiral, ancoradouro-ancoradoiro, apoucado-apoicado, arouca-aroica, babadouro-babadoiro, bartidouro-bartidoiro, bebedouro-bebedoiro, befouro-befoiro, bifcouth-bifcoito, boubas-boibas, calabouço-calaboiço, calçadouro-calçadoiro, caffoula-caffoila, comedouro-comedoiro, couce-coice, coucear-coiciar, couna-coina, coura-coira, couráça-coiraffa, couro-coiro, coufa-coifa.

Segundo atesta Barreto na sua *Ortografia* (1671) e Teyssier no seu livro *História da Língua Portuguesa*, o fenômeno de diferenciação de <ou> e <oi> já ocorrera no século XVII. Tal variação fica bastante explícita no exemplo *denoute-dinoite*, dado por Barreto, em que a correção vai ao sentido do ditongo <ou>, mas que vulgarmente é grafado com <oi>, como já deveria ser pronunciado na época. Já em Feijó, a grafia de <oi> é praticamente generalizada, mostrando, talvez, a alta difusão do fenômeno no século XVIII e um reflexo na escrita de uma marca dialetal do norte de Portugal, onde, segundo Lindley Cintra, se manteve mais corrente.

3.4. Variação <c> - <qu>

Sobre o uso destes dois grafemas, <c> e <qu>, é interessante notar que, no seu tratado, Franco Barreto afirma que a letra Q é uma das consoantes mudas e que, por isso, sempre antecede a semivogal <u>, que dá a ela “força”, valor fônico. Ademais, também diz que esta consoante existe somente na língua latina e que é utilizada com imprecisão no português, quando seguida de <e> ou <i>, o que ressalta ainda mais a necessidade da vogal <u> após ela. Já quando <q> antecede <i> e <a>, em palavras como *quanto, quadro, qual, quarenta, quarefma* etc., por não “sentirmos” ou ouvirmos a semivogal <u>, devemos escrevê-las com <k>, não <qu>. E quando <q> antecede <u> e <o>, como, por exemplo, em *como* e *quomo, cotidiano* e *quotidiano, cinco* e *cinquo* etc., devemos escrever com <c>, pois ambos soam de forma semelhante.

Já Madureira Feijó, ao contrário de Barreto, afirma que “A letra *Q* pronunciafe applicando qualfi ametade da lingua ao meyo do paladar (...). Chamafe eſta letra imperfeita, porque fem hum *U* adiante, nunca ferve na compoſição das palavras: mas eſte *U*, nunca he ferido do *Q*, na pronunciação, mas a vogal, que fe ſegue logo depois do *U*; como *Qua*, *que*, *qui*, *quo*, *quu*. E a razão porque não fe pronuncia he, porque o primeiro *U* depois do *Q*, fempre fe faz liquido, e perde o ſom, ou força de vogal, e conſoante. Mas nem por iſſo fica ſuperfluo para a pronunciação, porque ſerve para diverſificarmos o ſom das palavras, que fe eſcrevem com *Q*, daquellas, que fe eſcrevem com *C*.”⁷

Ademais, também diz que não há como confundir as grafias de <c> e de <q>, “porque nunca fe eſcreve *Q* fem *U* depois de *fi*, para ferir a vogal ſeguinte: e o *Q* com *U* faz hum ſom muito diverſo de *Ca*, *Co*, *Cu*; como bem fe deixa perceber neſtas palavras: *Quareſma*, ou *Careſma*; *Quarenta*, ou *Carenta*; *Quantos*, ou *Cantos*; *Quobra*, ou *Cobra*; *Quuco*, ou *Cuco* &c. Donde, todas as vezes, que na pronunciação de *Ca*, *Co*, *Cu*, fe fere immediatamente a vogal, fe ſom algum intermedio, fempre fe eſcreve *C* (...)”⁸

No seu *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, José Joaquim Nunes afirma que nos casos em que há uma consoante seguida da semivogal <u>, como nos grupos <qu> e <gu>, ora a semivogal é atraída pela vogal tônica que a segue e, assim, forma um ditongo, ora ela é absorvida pela vogal seguinte e cai, sendo conservada somente antes de *e* e *i*, a fim de indicar que <q> e <g> mantêm o seu som gutural. Mais adiante, ainda diz que a queda da semivogal se deu já no latim vulgar, na maior parte dos casos, pela tendência de se desfazer hiatos, igualando <q> e <c> na pronúncia. E essa tendência foi mantida até o século XV, como se verifica nos *Lusíadas*, de Camões, em que faz rimar *inico* com *rico* e *bico*. Mais tarde, sob influência literária, a semivogal reapareceu, sem, porém, o desaparecimento das grafias antigas, causando a confusão entre *quaresma* e *coresma*, *quatorze* e *catorze*, entre outras palavras.

⁷ Feijó, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portuguesa*. Coimbra: Officina De Luis Secco Ferreira. 1739. Pág. 89.

⁸ Idem. Pág. 50.

Pela leitura dos dados, com relação a essa variação entre a grafia de <c> e <qu>, em Franco Barreto aparecem tanto exemplos em que a correção segue para a forma <qu>, como em *quarefma-corefma*, quanto exemplos em que o mais correto é escrever com <c>, como em *cinco-cinquo*, *nunca-nunqua*, *ca-qua*, *como-quomo*, e em Madureira Feijó, *acredor-aqueredor*, *alcatraõ-alquetraõ*, *arca-arqua*, *arco-arquo*, *alcorofo-alquerofo*, *atáca-ataqua*, *bacamárte-baquemarte*, *banca-banqua*, *banco-banquo*, *barca-barqua*, *barráca-barraqua*, *bica-biqua*, *bico-biquo*, *cantáridas-quentaridas*, *czar-quezar*, *ducado-duquado*, *fáca-faqua*, *ficar-fiquar*, *lufco/lufque*, *fufco/fufque*, *pancáda-panquada*, *patáca-pataqua*, *pénca-penqua*, *picar-piquar*, *cobrar-quebrar*, *recobrar-requebrar*, *retrânco-retranqua*, *tabáco-tabaquo*, *tambáca-tambáque*, *talcar-talquar*, *tálco-talquo*, *túrco-turquo*. Já em Feijó, apenas grafias com <qu> são aceitas, como se verifica pelos seguintes exemplos: *aquofidade-acofidade*, *aquófo-acofso*, *arqueado-arcado*, *arquear-arcar*, *qualificar-calificar*, *fanqueria-fancaria*, *léque-lecre*, *loquacidade-locacidade*, *máquina-mánica*, *paquebóte-pacabóte*, *pique-pica*, *piques-picas*, *proipinquo-propinco*, *quadérnas-cadernas*, *quadérno-caderno*, *quádra-cadra*, *quadrádo-cadrado*, *quadragenário-cadragenário*, *quadragésima-cadragésima*, *quadrângulo-cadrângulo*, *qualificador-calificador*, *qualificar-calificar*, *quanto-canto*, *quantos-cantos*, *quarta-carta*, *quartinha-cartinha*, *quartilho-cortilho*, *quátro-catro*, *quebrar-cobrar*, *quebrânto-cobranto*, *quebrântar-cobrantar*, *queréla-créla*, *querelar-crelar*, *queréna-crêna*, *querenar-crenar*, *querêr-crêr*, *querença-crença*, *querido-crido*, *requebrar-recobrar*, *requerente-recrente*, *sequeftrar-socrestar*, *sequestro-socrestfo*.

Apesar de propor a grafia de <k> antes de <a> e <i> como uma forma de diferenciar quando a semivogal [w] é pronunciada ou não, Barreto não o faz na sua correção de palavras como *nunca-nunqua* e *ca-qua*, utilizando a consoante <c> no lugar.

Além disso, uma vez que, segundo Barreto, antes de <a> e <o> a semivogal do grupo <qu> não era pronunciada, devendo ser grafado <k> e <c>, é possível observar que na segunda metade do século XVII ainda se mantinha a tendência da queda da semivogal, mas que já na primeira metade do XVIII passou a haver a distinção entre [k^w] e [k], correspondentes a <qu> e a <c>, respectivamente. De forma um pouco contraditória, também se encontrou o seguinte dado

em Franco Barreto: *quadrar-coadrar*. Apesar de o próprio autor propor a grafia <qu>, nota-se que o “erro” que o falante comum comete é o de grafar <co>, dando evidência mais uma vez para a existência do hiato [oa], ao invés do ditongo [wa].

Como se observa acima, em Madureira Feijó há alguns exemplos como *queréla-créla*, *querelar-crelar*, *queréna-crêna*, *querelar-crelar*, *queréna-crêna*, *querenar-crenar*, *querêr-crêr*, *querença-crença*, *querido-crido*, *requerente-recrente*. Nesses dados o que se tem não é a variação entre as formas <qu> e <c>, mas um reflexo na escrita do alteamento da vogal pretônica [e] para [ə], sobre o qual será discutido mais adiante. Quanto a *czar-quezar*, o que se observa é a adição de <e> após o grupo <qu>, como uma adaptação da grafia estrangeira cz- para qu-, seguindo a forma CV, mais comum no português.

3.5. Evolução do sistema de sibilantes

Sobre o uso destes grafemas, <f>, <ç>, <s>, Barreto diz que, “(...) affi quando o c, fobre a,o,u, ouver de foar como f, lhe poremos por bayxo uma rifquinha, que chamamos cedilho, nefta forma ç, & efcufaremos multiplicar letras. Sobre e, i, nã ha mifter effa rifquinha; & affi ferirá fobre todas as vogaes, como diz Quintiliano, cõ aquella brandra, que efta letra de fi tẽ; como fe ve neftes exemplos; maçan, açucena, çifra, poço, açúcar.”⁹ Já Feijó afirma que “(...) o C fe pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando nos dentes quafi fechados, em quanto fahe o feu fom, que he fuavemente brando. O S pronunciafe com a ponta da lingoa moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, e quanto fahe hum fom quafi affobiando do meyo da bocca: como fe percebe neftas palavras *Sancto*, *Sá*, *Sé* &c.”¹⁰ Mais adiante, diz que não há como confundir estas duas consoantes com base na sua pronúncia, sendo elas diferentes uma da outra, e que naturalmente se grafam de forma correta as palavras, como, por exemplo, *Çapato*,

⁹ Barreto, João Franco. *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa: Officina de loam Da Costa. 1671. Pág. 118.

¹⁰ Feijó, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Coimbra: Officina De Luis Secco Ferreira. 1739. Pág. 44.

Çapateiro, Cabeça, Faço, Açucar etc., no lugar de *Sapato, Sapateiro, Cabeffa, Falfo, Alfucar*. Além disso, também diz que nenhuma palavra começa com <ç> seguido de <o> na língua portuguesa, mas que em meio e final de palavra, há formas como *Aço, Açôr, Açores, Abraço, Faço, Pedaco*, entre outras. Quanto à <ç> seguido de <u>, encontram-se *Çuja, Çujamente, Çujar, Çumagre, Çurrador, Açucar, Açucena, Açude*, entre outras.

Já quanto a <z>, Franco Barreto afirma que tem, no português, um som entre <f> e <c>, o motivo pelo qual as pessoas se confundem sobre quando deve escrever <f> e quando deve escrever <z>. E, para isso, diz o autor, não há solução ou regra para o problema devido à grande semelhança fônica entre as duas consoantes. Madureira Feijó também atesta tal semelhança sonora e diz que, em início de palavra, não há erro em como grafar, mas que em meio e final de palavra, não há outro método além do de memorizar quais se escrevem ou não com <z>.

Quanto à confusão entre as grafias das sibilantes, devido à extensão do número de exemplos apresentados, em ambos os tratados, serão aqui transcritos apenas alguns: em Franco Barreto há *canfaço-cançação, concelho-confelho, coufa-couza, dez-des, defcançar-defcanfar, exequias-obfequias, experimentar-esprimentar, expofto-difpofto, ialmi-iezmmim, mefa-méza, miudeza-meudela, prociffã-piçiqã, tres-trez* e *vicerey-viforei* etc., e em Madureira Feijó há *abalançar-abalancear, perdizes-perdices, dez-dés, vifeira-vezeira, braço-braffo, você-voffê, siba-ciba, lança-lanfa, caixa-caicha, accioma-axioma, affento-accento, balaço-balazio, trâce-tranfe, estremadûra-extremadura, exâme-enzame, tefemunho-testimunho, canção/canfaço, defcanfar/defcançar* etc.

Em Feijó nota-se claramente a marca dialetal na sua descrição do sistema de sibilantes do português ao afirmar haver distinção no uso dos grafemas <s>/<ss> e <ç> na representação dos sons sibilantes na escrita, sendo o primeiro correspondente a uma fricativa ápico-alveolar surda /s̺/ e o segundo, a uma africada pré-dorsodental surda /t̺s̺/. Essa distinção, explícita em, por exemplo, *braço-braffo, você-voffê, siba-ciba, lança-lanfa*, é um traço conservador

que se manteve no norte de Portugal e se explica pelo fato do autor ser natural da região de Trás-os-Montes.

Ainda a esse respeito, José Leite de Vasconcelos, na sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, salienta o fato ao afirmar que “Sur la frontière d'Entre-Douro e Minho, de Trás-os-Montes et de la Beira, et même dans quelques endroits de l'intérieur du pays l'ancienne distinction se maintient entre Ç - Z et S - initiaux et intervocaliques: ex. paço - passo, cozer - coser (...).” (apud Gonçalves, 1992) Apesar disso, como uma exceção à regra, nos dados *canção/canção* e *defcanfar/defcançar*, nota-se que ambas as formas são aceitas.

Ainda nos exemplos da lista de Feijó, encontram-se *convalefcer-convalecer*, *Narciffo-Narcifo*, casos de naturezas diversas. No primeiro, tem-se a correção de <c> para <fc>, o que indica o retorno às formas etimológicas, latinizantes; e no segundo, uma variação de grafia de um nome próprio, não se tratando propriamente de um fenômeno fonético, apenas ortográfico.

Já em Franco Barreto, é interessante observar os exemplos *cirurgia-solergia*, *cirurgiã-solorgiam*, em que a variação entre as vogais <i> e <o> é que leva à variação entre <c> e <s>. Isto é, antes de <o> não poderia ser grafado <c> de forma alguma, pois a pronúncia seria diferente, ao invés de [si] para *ci-*, *co-* [ko].

3.6. Redução dos ditongos *ai* e *ei*

Sobre a redução do ditongo *ai*, José Joaquim Nunes, na sua obra *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, afirma que quando seguido de <x>, a queda da vogal provavelmente se deu pela sua absorção pela consoante. Sobre o ditongo *ei*, José Joaquim Nunes, na sua obra *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, afirma que quando seguido de <x>, a queda da vogal provavelmente se deu pela sua absorção pela consoante. Já a respeito do ditongo *ei*, diz que a sua redução ocorreu, pois “*ei* perdeu o primeiro elemento quando átono e fazendo

parte da sílaba inicial da palavra, quer estando só, quer precedido de consoante; deixou cair o segundo, quando tónico e seguido de consoante”.¹¹

Além disso, também afirma que o ditongo se manteve no dialeto da província de Trás-os-Montes, quase toda a Beira e regiões do sul de Portugal, com exceção de Lisboa, onde o ditongo passou a ser pronunciado como *ai*. Da mesma forma, Paul Teyssier diz que a monotongação ocorreu no sul de Portugal, sendo o ditongo mantido no norte do país. Porém, diferentemente do que se observa em relação aos limites dialetais impostos aos demais fenômenos, nesse caso se observa que a monotongação não ocorreu em Lisboa - provável razão pela qual a monotongação não foi incorporada à língua.

Com isso, ainda segundo Teyssier, na segunda metade do século XVII, *ai* ainda não havia se reduzido na fala, transparecendo na grafia de *abayxar*, ao invés de *abaxar*, e passou a monotongo no século XVIII, em *abaxar*, no lugar de *abaixar*.

Pela leitura dos dados, se encontraram os seguintes exemplos de redução de *ai*: em Franco Barreto, *abaxar-abayxar* e *deã/dayã-adaiam*; e em Madureira Feijó, *abaixar-abaxar*, *abro-aibro*, *acamar-acaimar*, *açamar-açaimar*, *açamo-açaimo*, *axe-aixe*, *baixa-baxa*, *baixeza-bacheza*, *baixio-bachio*, *baonêza-baionefa*, *câmba-caimba*, *cambas-caimbas*, *cambras-caimbras*, *deãdo-dayado*, *defar-defaire*, *defalmado-defailmado*, *defampâro-defimpaired*, *enxagóar-enxaigoar*, *elparecer-elparecer*, *faixa-faxa*, *gânhar-gainhar*, *matinas-maitinas*, *parar-pairar*, *pairar-parar*, *plano-praino*, *ranûnculo-rainunculo*, *reparar-repairar*, *repáro-repiro*, *rêxa-reixa*, *sárro-sairro*, *sotâna-sotaina*, *tâmpa-taimpa*, *tarráxa-tarraixa*, *táxar-taixar*, *vinágre-vinaigre*.

Assim como o afirma Teyssier, é possível notar que nos dois exemplos presentes na lista de palavras de Franco Barreto, *abaxar-abayxar* e *deã/dayã-adaiam*, *ai* ainda não havia se reduzido na fala corrente, o que fica explícito na grafia vulgar. Já em Feijó, há formas como

¹¹ NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. Lisboa: Liv. Clássica. 1969. Pág. 80.

baixa-baxa, baixeza-bacheza, baixio-bachio, que indiciam a não aceitabilidade pelo gramático da forma monotongada, somente a do ditongo.

Já quanto à redução de *ei*, os seguintes exemplos são apresentados: em Franco Barreto, *alheyo-alheo, cheyo-cheo, meyo-meo, rodeyo-redeo, tema-teyma, vea-veya*; e em Madureira Feijó, *affréguelar-affreiguelar, aldeã-aldeya, almofréxe-almofreixe, alqueve-alqueive, ameijoas-amejoas, ameixas-amexas, ameixa-amecha, aquiléa-aquiléya, arrear-arreiar/arreyar, bandêja-bandeija, belhó-beilhó, cavalheiro/cavilhêro, chêa/cheya, cêa-ceya, condêxa-condeixa, eia-ea, elfeyo-esteyo, figueiredo-figueredo, floreyo-florêo, freguêz-freiguez, freyo-freo, galanteyo-galanteo, mantêria-mantieiria, manteiga-mantega, mear-meyar, mijar-meijar, pés-peis, paffeyo-palfeio, peor-peyor, peorar-peyorar, rateyo-ratêo, receyo-recêo, recheyo-recheo, recreyo-recreo, relição-releição, remexer-remeixer, rêxa-reixa, seyo-sêo, teixo-têxo, teixûgo-texûgo*.

Quanto ao ditongo *ei*, é possível notar dois fenômenos distintos: a redução de hiatos antigos, como, por exemplo, em *cheyo-cheo*, em Barreto, e *chêa/cheya* e *pés-peis*, em Feijó, resultantes da evolução de *pleno > chêo > cheio/cheyo* e de *pedis > peas > pés*; e a redução de ditongos antes de consoantes palatal, nasal etc, como, por exemplo, em Barreto, *tema-teyma*, e em Feijó, *affréguelar-affreiguelar, almofréxe-almofreixe, alqueve-alqueive, ameijoas-amejoas, ameixas-amexas, ameixa-amecha, bandêja-bandeija, belhó-beilhó, cavalheiro/cavilhêro, condêxa-condeixa, figueiredo-figueredo, freguêz-freiguez, mantêria-mantieiria, manteiga-mantega, mijar-meijar, relição-releição, remexer-remeixer, rêxa-reixa, teixo-têxo, teixûgo-texûgo*.

Também é interessante notar que, com exceção do exemplo *vea-veya*, em que a grafia monotongada é a “*emmenda*”, Franco Barreto tende a aceitar a forma moderna ditongada, e rejeita as arcaicas. Além disso, pela grafia vulgar das palavras apresentadas por Barreto na sua lista é possível observar que o ditongo *ei* já havia se reduzido no século XVII, porém a sua monotongação só ganharia aceitabilidade a partir do século XVIII, quando se tem palavras

como *cavalheiro/cavalhêro*, *chêa/cheya*, em Feijó, em que ambas as formas ortográficas são aceitas.

3.7. Alteamento das vogais pretônicas <e> e <o>

Sobre a vogal <o>, Franco Barreto afirma que “He grande a femelhança, que tẽ [a vogal o] cõ o u, que fe nã fe tẽ conta cõ a pronunciaçã facilmente fe ouve ù por outro; como ordinariamente nos parece, que os efrangeyros Setentrionaes os trocam (...)”¹²

A respeito da redução das vogais átonas em posição pretônica, Paul Teyssier, no seu livro *História da Língua Portuguesa*, afirma que a passagem de [e] a [ə] e de [o] a [u] se deram somente a partir do século XVIII.

Quanto à redução de [o] a [u], mais especificamente, o autor diz que em fins do século XVII o [o] do português já era tão fechado a ponto de ser confundido com [u], mas que ainda não havia propriamente se reduzido. Todavia, observa que, em 1767, no *Compendio de Orthographia* de Luis do Monte Carmelo, se encontram listas de “erros” que trazem diversas formas como *murar* (por *morar*), *purtagem* (por *portagem*), *tucar* (por *tocar*), que confirmam a generalização de tal pronúncia fechada da vogal no período do século XVIII, independentemente do fenômeno mais antigo da assimilação.

Já quanto à passagem de [e] a [ə], Teyssier afirma ter sido mais complexa e supõe a existência de uma fase intermediária, em que [e] teria passado a [i] para, então, ser pronunciado como [ə]. De modo a atestar tal hipótese, diz que em textos do século XVIII se encontram formas grafadas com <i> ao invés de <e> pretônico e que, aparentemente, são variações características apenas de certas regiões de Portugal, como o Algarve e o Alentejo. De qualquer forma, sem se comprometer com a certeza ou não da existência dessa fase intermediária, o autor afirma seguramente que o [ə] pretônico, característico da língua contemporânea, surgiu no século XVIII, provavelmente depois de 1750.

¹² Barreto, João Franco. *Ortografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Officina de loam Da Costa. 1671. Pág. 81.

Ainda com relação a essas evoluções, Teyssier adverte que não se devem confundir tais mudanças com determinadas interversões entre <e> e <i>, por um lado, e <o> e <u>, por outro, que aparecem já remotamente na língua, em posição pretônica. As interversões a que se refere o autor são: a) *dissimilações e dilações*, em que a seqüência -i-i passa a -e-i e a seqüência -u-u passa a -o-u (dissimilação); e, inversamente, em que a seqüência -e-i passa a -i-i e a seqüência -o-u passa a -u-u (dilação); b) *hesitações morfológicas nos paradigmas verbais*, em alternâncias entre formas como *fugir-fogir, dormirei-durmirei* em razão das alternâncias vocálicas regulares *fujo-foge, durmo-dorme*; se encontram também *poseste-puseste, fezera-fizera*, por razão das alternâncias *pôs-pus, fez-fiz*; c) *palavras particulares* que apresentam um <o> ou um <e> pretônico que, respectivamente, passam a <u> e a <i>, como ocorreu nos seguintes exemplos: *molher > mulher, logar > lugar, melhor > milhor* (posteriormente, por reação erudita, voltou a ser melhor). Todas essas variações vocálicas são fenômenos antigos, que ocorrem com alta freqüência em manuscritos do século XVI, mas que não representam, em nenhum caso, uma evolução do sistema das vogais orais da língua portuguesa.

Apesar de Teyssier afirmar com convicção que o alteamento das pretônicas se generalizou no português no século XVIII, Rita Marquilhas, no seu livro intitulado *A Faculdade das Letras - leitura e escrita em Portugal no século XVII*, apresenta, a partir da análise de documentos de mãos inábeis, diversos exemplos que indicam a elevação de [o] a [u] já na primeira metade do século XVII e, paralelamente, de [e] a [i] também.

Pela leitura dos dados, com relação ao alteamento de [e] a [i], foram encontrados, em Franco Barreto os seguintes exemplos: *celleiro-cileyro, começou-comiçou, clerifia-crelefia, denoute-dinoite, deforme-disforme, gemer-gimer, gemido-gimido, herege-hirege, engenho-ingenho, mealheyro-mialheiro, melhor-milhor, melhoria-milhoria, penfamento-pinfamento, pedir-pidir, petiçã-pitiçã, pedinte-pidinte, pecado-picado, prematica-primatica, perfeyto-prifeito, terceyro-tirceiro, tefouro-tifouro, vendeyra-vindeira, vender-vinder, verã-viram, vftir-viftir*. E em Madureira Feijó: *abaftecido-abaftecido, abegoaria-abiguaria, abelhaõ-*

abilhaõ, abelhudo-abilhudo, abetumar-abitumar, aborrecer-aborriger, abrótea-abrotia, abutre-abutri, acontecido-aconticido, acontecimento-aconticimento, acreditar-acriditar, adejar-adijar, adormecido-adromicido, adverfidade-advirfidade, aéreo-aério, affeminar-affiminar, affôguear-affoguiar, afformofear-affermofiar, agencêar-agenciar, alancear-alanciar, alardear-alardiar, alear-aliar, alecrim-alicrim, alem-téjo/alemtejo-alimtejo, alfândega-alfandiga, alfenim-alfinim, alleviar-alliviar, altear-altiar, alvejar-alvijar, amarellejar-amerillijar, ameaçar-amiçar, amenidade-aminidade, amollecido-amollicido, anteparo-antiparo, antepasto-antipasto, apear-apiar, apedrejar-apedrijar, apercebido-apercebido, aperrear-apirrear, aporrear-aporriar, appellido-appillido, appetite-appitete, arcebispo-arcibispo, arcediágo-arcidiago, areal-arial, arento-ariento, arejar-arijar, areftins-aristins.

Já quanto ao alteamento de [o] a [u], foram encontrados em Franco Barreto *coftume-cuftume, fogareyro-fugareyro, pomar-pumar*. E em Madureira Feijó, *acobertar-acubertar, acoftumar-acuftumar, aduéla-adoéla, affocinhar-affucinhar, agonia-agunia, agoniar-aguniar, alcovitar-alcuvitar, algodaõ-algudaõ, amofinar-amufinar, amotinar-amutinar, apoftolado-apoſtulado, apóftolo-apoſtulo, atôar-atûar, azzorráque-azzurráque, befoártico-bifuartico, bocéta-buceta, borbûlha-burbulha, boril-buril, borrifar-burrifar, borzeguim-burfeguim, bofina-bufina, boftéla-bufbéla, cachondé-cachundé, cobertôr-cubertor, cobrir-cubrir, cogumélo-cucumélo/cugumélo, colête-culete, competente-cumpitente, complice-cumplice, compofiçaõ-cumpofiçaõ, cõnca-cunca, concorrer-concurrer, coraçãõ-curaçaõ, corrente-currente, correr-currer.*

Apesar da afirmação de Teyssier sobre o alteamento das vogais pretônicas <e> e <o> ter se dado apenas a partir do século XVIII, fica evidente aqui, pelos exemplos apresentados por Franco Barreto, que essa evolução já teria se passado na segunda metade do século XVII - assim como diz Rita Marquilhas no seu trabalho com os manuscritos de mãos inábeis. Isto é, mais do que uma antecipação do que viria a ser o [u] e o schwa [ə], tão característico do português europeu contemporâneo, esses dados também demonstram que a datação do fenômeno é de, pelo menos, um século antes ao que se refere Teyssier.

3.8. Apagamento das pretônicas <e> e <o>

Como uma consequência da redução da vogal pretônica [e] a [ə], em determinadas posições, a vogal tende a ser apagada ou sincopada, levando, por exemplo, a realização de formas como *queremos* como [krɐmʊs]. (cf. Marquilhas, 2000) Teyssier, na sua *História da Língua Portuguesa*, também chama a atenção para a tendência atual de desaparecimento por completo da realização de [e] em posição pretônica, devido ao seu grau de redução elevado. Assim, há casos em que uma vogal é acrescida na grafia de grupos consonânticos do tipo C/r/V, em que se nota um testemunho do apagamento da pretônica, uma vez que esse acréscimo se trataria de um apoio, uma espécie de hipercorreção da forma sincopada.

Pela leitura dos dados, foram encontrados os seguintes exemplos em Franco Barreto: *detrimento-deterimento*, *embrulhar-emburulhar*, *prúffia-peruffia*, *crêr-querêr*, *crença-querença*, *crido-querido*. E em Feijó: *cronica-caronica*, *cronifita-caronifita/coronifita*, *frenofia-farnafia*, *frenetico-farnetego*.

Como já dito anteriormente, nos exemplos como *crêr-querêr*, *crença-querença*, *crido-querido*, e Barreto, e *queréla-créla*, *querelar-crelar*, *queréna-crêna*, *querelar-crelar*, *queréna-crêna*, *querenar-crenar*, *querêr-crêr*, *querença-crença*, *querido-crido*, *requerente-recrente*, em Feijó, o que se tem é um reflexo na escrita do alteamento da vogal pretônica [e] para [ə], que resultou no seu apagamento total na fala. É interessante aqui reafirmar a idéia proposta por Rita Marquilhas de que já durante o século XVII as vogais pretônicas <e> e <o> teriam se reduzido e que, devido a isso, especialmente com relação a [e] que passou a [ə], os falantes, em uma tentativa de recuperar essa vogal na escrita, acabavam por cometer “erros” como o que se vê em *detrimento*, *emburulhar*, *peruffia*, *querêr*, *querença*, *querido*, em Barreto, e *caronica*, *caronifita/coronifita*, *farnafia*, *farnetego*, em Feijó.

3.9. Passagem de *a* a *e* em posição átona

3.9.1. Confusão entre os prefixos *an-* (ou *am-*) e *en-* (ou *em-*)

Quanto à passagem da vogal *a* a *e* no português, as seguintes ocorrências foram encontradas em Franco Barreto: *emparrar-amparrar*, *emparo-amparo*, *entre-antre*, *mampofteyro-mempofteiro*. E em Madureira Feijó se encontram *adiantar-adiantar*, *adiante-adiante*, *alandroal-alendroal*, *amparrar-emparrar*, *ampôlla-empôla*, *ampolhêta-empolheta*, *anguia-enguia*, *anzól-enzol*, *arroupar-enroupar*, *arrugar-enrugar*, *atarantado-atarentado*, *avançar-avençar*, *avantejado-aventejado*, *avantejar-aventajar/aventejar*, *vantágem-ventagem*, *defamparrar-defemparrar*, *galantear-galentiar*, *jantar-gentar*, *lambedôr-lambedor*, *lamber-lember*, *lançol-lençol*, *lantérna-alentérna*, *mamposteiro-mempofteiro*, *transparência-trespáncia*, *vanguarda-venguarda*, *acalantar-acalantar*, *afsembléa-afambléa*, *avençar-avançar*, *defembaraçar-defambaraçar*, *endoenças/andoenças*, *entaõ-antaõ*, *efplendor-efplandor*, *genciâna-janciana*, *refplendecer-refplandecer*, *refplendor-refplandôr*, *refplendecente-refplandecente*, *tempeftade-tampeftade*.

Sobre as formas *emparrar* e *amparrar*, para além da distinção de abertura das vogais, afirma-se que a variação da sua grafia se deu pela confusão entre os prefixos *an-* (*am-*) e *en-* (*em-*) pretônicos que, pela pronúncia semelhante, antes de *en-* ter passado a [ĩ]. (cf. Williams, 1973) De modo semelhante, Nunes, no seu *Compêndio*, diz que desde o século XVI, em alguns dialetos populares de Portugal, com exceção de duas províncias ao sul do Tejo, a vogal nasalizada [ẽ] passou a soar [ĩ], seja ela resultante de [ã] ou da confusão já posta na língua entre [e] e [i].

É interessante notar que em Madureira Feijó há exemplos como *atulhar/entulhar*, *avenenado/envenenado*, *emmarar/amarar*, *endoenças/andoenças* em que ambas as grafias são aceites.

Já quanto a casos como os de *alhear-enlhear*, *atupir-entupir*, de Franco Barreto, e *atulhar/entulhar*, *avenenado/envenenado*, *emmarar/amarar*, de Madureira Feijó, parece haver aí uma distinção ortográfica entre os prefixos *a-* e *en-*, e não uma confusão devido a pronúncia, como fica evidente nos pares *emparar-amparar*, em Barreto, e *amparar-emparar*, em Feijó, já mencionado acima.

3.10. Metaplasmos

3.10.1. Apócope de nasal final

A apócope se constitui como um processo de apagamento de algum elemento em posição final de palavra, seja uma vogal, uma consoante, ou até mesmo uma sílaba. Segundo Paul Teyssier, se poder pensar que o fenômeno se deu desde o português arcaico, pelo século XIV.

A respeito do fenômeno, Nunes, no seu *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, afirma que desde os latinos já se encontra evidência da queda da consoante nasal, sobretudo *-m* final, o que resulta na nasalização da vogal precedente, em formas como *lana* > *lã-a* > *lã*, *bono* > *bõ-o* > *bom*. E essa ressonância nasal se manteve em vários vocábulos, como, por exemplo, *ferrugem*, *nuvem*, *omem*, entre outros, nos quais, segundo o autor, havia preferência pela queda total da consoante nasal postônica final, sem traços de nasalização.

Quanto a este fenômeno, se encontram em Franco Barreto as seguintes ocorrências: *ialmi-iezmmim*, *com ella-co ella*, *rins-ris*, *talins-talyis*. E em Madureira Feijó, *bafagem-bafaje*, *ferragem-ferrage*, *ferrugem-forrugem*, *hervágem-ervage*, *origem-orige*, *rubim-rubi*, *talim-taly*.

Com exceção de *ialmi-iezmmim*, que se trata de um nome próprio - grafado *yasmim* nos dias de hoje -, todos os outros nomes, tanto da lista de Barreto, quanto a de Feijó, são grafados pelo vulgo sem a nasal final, o que indicia a queda completa da nasalidade na fala, assim como o descreve Nunes.

3.10.2. Prótese de *a-*

Quanto à prótese de *a-*, José Joaquim Nunes, no seu *Compêndio*, afirma que “Se por um lado a língua omite por vezes a vogal inicial da palavra, quando não acompanhada de consoante que a ampare, outras acrescenta *a* ou *o* a palavras que originariamente os não possuíam; aquela supressão e esta adição podem ser consideradas como facto meramente fisiológico ou porvir de se ter tomado como artigo a vogal inicial da palavra e terem portanto origem numa causa psicológica.”¹³ Porém, como se nota em palavras como *lanterna*, *alinterna*, *alénterna*, o autor diz se tratar de um caso em que *a* pode representar tanto a partícula com valor de *a-* como o artigo, podendo ser tomado como um exemplo de prótese ou aférese, isto é, como de aglutinação ou deglutinação do artigo.

Além disso, é dito que se trata de um fenómeno particularmente mais comum em certos dialetos do português. (cf. Williams, 1973) Segundo Leite de Vasconcelos, na sua *Esquisse*, a prótese se estende por todo o país, porém com mais força na região do Alentejo, ao sul.

Pela leitura dos dados, observaram-se as seguintes ocorrências de prótese de *a-* em Franco Barreto: *dayã/deã-adaiam*, *gabar-agabar*, *lanterna-alinterna*, *poupar-apoupar*, *rafoar-arrafoar*, *rebentar-arrebentar*, *recadar-arrecadar*, *redar-arredar*, *refecer-arrefecer*, *remangar-arremangar*, *rematar-arrematar*, *voar-avoar*. E em Madureira Feijó aparecem, *ciprefte-aciprefte*, *sellar/sigillar-afellar*, *sazonar-affazoar*, *soalhar-afloalhar*, *bastar-avastar*, *befpa/velpa-abéspora*, *corcova-alcorcova*, *corcovado-alcorcovado*, *crédôr/acrédiôr*, *crivar/acrivar*, *donde-adonde*, *guadalûpe-aguadalupe*, *lagôa-alagoa*, *lambique/alambique*, *lâmpada/alampada*, *lantérna-alintérna/alentérna*, *legaçaõ-alegraçaõ*, *lamêda/alameda*, *letria/aletria*, *limpar/alimpar*, *panigoado-apaniguado*, *paramentar/apparamentar*, *póftêma/apóftêma*, *rubique-arrebique*, *relíquia-arreliquia*, *remeffar/arremeffar*, *remêffo/arremêffo*, *renegar/arrenegar*, *signalar/assignalar*, *signatûra/assignatura*, *soprar/allôprar*, *sôpro/allôpro*, *tambôr-atambor*, *tirar-atirar*, *vôar-avoar/aboar*

¹³ Idem. Pág. 58.

Assim, nos dados *lanterna-alinterna*, em Franco Barreto, e *lantérna-alintérna/alentérna*, em Madureira Feijó, como já mencionado anteriormente, José J. Nunes diz se tratar de um caso em que *a* pode representar tanto a partícula com valor de *a-* como o artigo, podendo ser tomado como um exemplo de prótese ou aférese, isto é, como de aglutinação ou deglutinação do artigo.

Ademais, o que se notou foi que ambas as formas, protética ou não, são aceitas por Madureira Feijó, como fica evidente em vários dos dados presentes na sua lista de palavras, como em, por exemplo, *crédôr/acrédiôr*, *crivar/acrivar*, *lambique/alambique*, *lamêda/alameda*, *limpar/alimpar*, *letria/aletria*, *paramentar/apparamentar*, *póftêma/apoftêma*, *remeffar/arremeffar*, *remêffo/arremêffo*, *renegar/arrenegar*, *signalizar/assignalar*, *signatûra/assignatura*, *soprar/alfôprar* e *sôpro/alfôpro*. Já em Franco Barreto, ao contrário, não se observa essa aceitabilidade da forma protética pelo gramático, sendo sempre tomada como “errada” a grafia vulgar com a vogal *a-* no início da palavra, em todos os seus exemplos: *dayã/deã-adaiam*, *gabar-agabar*, *lanterna-alinterna*, *poupar-apoupar*, *rafoar-arrafoar*, *rebentar-arrebentar*, *recadar-arrecadar*, *redar-arredar*, *refecer-arrefecer*, *remangar-arremangar*, *rematar-arrematar*, *voar-avoar*.

3.11. Formação de plural

Segundo Teyssier, na sua obra intitulada *História da Língua Portuguesa*, a unificação da grafia do ditongo nasal [ẽ̃ũ] se deu por volta de 1500, após a redução dos hiatos *ã-o*, *ã-e* e *õ-e*, resultantes da queda de consoante nasal intervocálica no galego-português. Assim, todas as palavras que possuíam primitivamente *-an* (*-am*) e *-on* (*-om*) convergiram para uma única terminação *-ão*, como se é possível verificar nos seguintes exemplos: *manus* > *mã-o* > *mão*, *canes* > *can/cam* > *cão*, *leonis* > *leon/leom* > *leão*.

José Joaquim Nunes, no seu *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, afirma que essa unificação da grafia do ditongo nasal não se deu ao mesmo tempo na escrita e na fala, isto é,

a escrita não acompanhou paralelamente a regularização ocorrida na fala, uma vez que em textos ainda do século XV aparecem tanto formas com *-om* quanto com *-õe*, não sendo rara a ocorrência de ambas as grafias para uma mesma palavra. Além disso, também se observa nessa época a confusão entre as terminações *-ão* e *-om*, da qual resultam alguns nomes cujos plurais se formam pela primeira terminação, sendo formados pela segunda terminação. Assim, plurais como *aldeões*, *foliões*, *alões*, *anciões*, *gaviões*, *truões*, *peões*, *vilões*, *benções*, *anões* variam com *aldeãos*, *foliães*, *alãos*, *anciãos/anciães*, *gaviães* (arcaísmo), *truães*, *peães*, *vilãos*, *bênçãos*, *anãos*. Posteriormente, tanto para a língua popular quanto para a norma, as formas em *-ões*, derivadas de *-om*, passaram a ser as mais comuns em palavras que, no singular, terminam em *-ão*, ao invés de *-ãos*.

Pela leitura dos dados, só foram encontrados casos que evidenciam uma confusão entre os sufixos *-ães* (ou *-aens*) e *-ões* (ou *-oens*) de plural em Madureira Feijó: *acclamaçoens-acclamaçaens*, *agrioens-agriaens*, *anciaões-ancioês*, *appellaçoens-appellaçaês*, *arráteis-arrateles*, *balçoens-balcaens*, *baftioens-baftiaens*, *bençoens-bençoas*, *borroens-borraens*, *botoens-botaens*, *calçoens-calçaens*, *camaroens-camaraens*, *canhões-canhaens*, *capellaens-cappeloens*, *capitaens-capitoens*, *collaçoens-collaçaens*, *comparaçoês-comparaçaês*, *concluoens-conclufaens*, *coraçoens-coraçaens*, *declamaçoês-declamaçaês*, *explicaçãoens-explicaçãoens*, *giboens-gibaens*, *graons-graens*, *guimaraês-guimaroês*, *irmãos-irmões*, *lafoês/lafoens*, *liçoens-liçaens*, *maldiçoens-maldiçaens*, *meloens-melaens*, *muniçãoens-muniçaens*, *occafioens-occafiaens*, *razoens-razaens*, *sezoens-sezaens*, *tôns-toens*, *toftoens-toftaens*.

Assim como o afirma Nunes, e é bastante evidente nos dados apresentados acima, tanto para a língua popular quanto para a norma, as formas em *-ões*, derivadas de *-om*, passaram a ser as mais comuns em palavras que, no singular, terminam em *-ão*, ao invés de *-ãos*.

3.12. Palatalização - *-li-* > *-lh-*

Pela leitura dos dados, foi possível encontrar, somente em Madureira Feijó, as seguintes ocorrências: *apûlha-apûlia*, *auxilio-auxilho*, *bálha/baila*, *balhar/bailar*, *filiação-filhação*.

E a respeito da passagem de *-li-* a *-lh-*, Nunes, no seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, afirma que em todos os contextos em que uma consoante é seguida por uma semivogal <i>, ou a consoante se palataliza - como o caso aqui apresentado -, ou a consoante não se altera e a semivogal apenas muda de posição na palavra. O autor também diz que somente em alguns casos do português, <l> e <n> não foram palatalizados quando antecidos por <i>, como nas palavras *doyo*, *saio*, *Juião* ou *Gião*, *Olaia*, *Ovaia* ou *Vaia* e *testemoio*, que correspondem, respectivamente, a *doleo*, *salio*, *Julianu*, *Eulalia* e *testemoniu*.

3.13. Derivação morfológica

Pela leitura dos dados, com relação a derivação morfológica, observou-se apenas um caso em Franco Barreto: *direy-digarey*. Já em Madureira Feijó, foi possível notar três diferentes contextos em que há variação de derivação das palavras: na formação de participios passados, como em *abfórto-abforbido*, *alpérfo-aspergido*, *defcobérto-descobrido*, *latido-ladrido*, *efcripto-efcrevido*, *expulfo-expellido*, *ilufo/illudido*, *voltado-vólto*, *voltados-vóltos*, *enxûto-enxugado*, na formação de substantivos, como em *animofidade-animofa*, *defigualdade-defigualar*, *ingratidade-ingratidaõ*, *largueza/largura*, *laxante/laxativo*, *nebulofa/nublado*, *pronunciação/pronúncia*, *sordidêza /sordidêz*, *ventania/ventaneira*, *bravêza/bravûra*, *chronografia/chronologia*, *voluptuofa/voluptário*, *raridade-rarêza*, *verídico-veráz*, *virgindade-virginal*, *redempção-redemptôr*, *simplicidade-simplêza*, *solidêza-solidez*, *sarampêto/sarâmpo*, *terréno/terreftre*, *thymo/tomilho*, *tutoria/tutela*, *tardio/tardo-tardeiro*; e na formação de substantivos no diminutivo, como em *avefinha/avicula*, *joguête/joguinho*, *píficulos-pixinhos*, *verficulo-verfêto*.

A respeito da variação nas formas derivadas das palavras apresentadas acima, é interessante apontar que o único caso presente na lista de palavras de Franco Barreto se trata da regularização da conjugação do verbo *dizer*. Ao contrário de verbos regulares como *amar*,

dançar, falar, entre outros, que possuem as formas *amarei, dançarei, falarei* na primeira pessoa do futuro, o verbo *dizer* é irregular, isto é, não possui a forma *digarey*, mas *direy*, como corrige Barreto. Já em Madureira Feijó, o que se observa é uma situação um pouco diversa, pois o que se tem não é um problema de regularização da língua, mas sim de aceitabilidade de certas formas substantivadas e de particípio passado, o que muito possivelmente, indica um posicionamento de recusa por parte de Feijó às formas arcaicas, tomadas como “erro”.

3.14. Influência do bilingüismo luso-espanhol

Primeiramente, é interessante observar a influência da língua espanhola na ortografia e na pronúncia do português. Segundo Teyssier, no seu livro *História da Língua Portuguesa*, o espanhol serviu como uma segunda língua para os portugueses cultos, em meados do século XV até fins do século XVII, devido aos casamentos entre soberanos portugueses e princesas espanholas, que levou, durante sessenta anos (1580-1640), à dominação espanhola sobre Portugal. Apesar de, após 1640, ter ocorrido a Restauração e a subida ao trono de D. João IV, quando houve uma reação antiespanhola, o bilingüismo permaneceu em uso, até o desaparecimento da geração anterior a 1640. Com isso, por um certo período, o espanhol tornou-se uma segunda língua de cultura, sendo utilizada na literatura, por alguns escritores, no teatro, de Gil Vicente, por exemplo, na fala cotidiana.

Apenas na *Ortografia* de Franco Barreto encontra-se uma ocorrência da palavra *entonces*, tomada como errada, no lugar de *entã*, a correta, em que há total substituição tanto da grafia como da pronúncia, de uma língua a outra.

4. Considerações finais

Nesta parte, serão retomados alguns resultados importantes obtidos durante a realização da pesquisa.

Primeiramente, é interessante apontar o fator dialetológico, bastante presente no julgamento de valor dado pelos gramáticos com relação ao que deve ser a norma ortográfica da língua portuguesa. Isto é, muitas vezes, como foi discutido nos fenômenos de diferenciação do ditongo <ou> para <oi>, das variações no sistema de sibilantes, o que rege a norma proposta passa a ser um pouco subjetivo, pois diz respeito ao dialeto falado pelo autor, e não propriamente algo que possa ser generalizado para todo o português.

Paralelamente a esse fator, observam-se também casos em que há variação histórica, como, por exemplo, nos fenômenos de apagamento e alteamento das vogais pretônicas [e] e [o], que passaram a [ə] e [u]. Para além de uma mudança no sistema fonológico da língua, nota-se aí uma antecipação para o que veio a ser a pronúncia dessas pretônicas no português moderno. Ademais, é importante reafirmar que os fenômenos já haviam surgido na segunda metade do século XVII, aparecendo diversas ocorrências na lista de palavras de Franco Barreto.

Além disso, também nota-se aqui um posicionamento de ruptura com o português antigo por parte de Madureira Feijó no que diz respeito a sua recusa pelas formas arcaicas, como fica claro, por exemplo, nas formas substantivadas e de particípio passado e os sufixos de plurais que são tomados como incorretos por Feijó, e que não são mencionados anteriormente por Franco Barreto, não se tratando de um problema o mesmo.

Por fim, também é interessante observar uma diferença que traz esta pesquisa, em relação a outras sobre o mesmo assunto, ao adotar como corpus de trabalho listas de palavras, semelhantes ao *Appendix Probi*, ao invés de manuscritos e documentos da época, especialmente no que diz respeito a possibilidade de visualizar tanto a forma ditada e aceita pelos gramáticos da época quanto a grafada e pronunciada pelos falantes do português.

5. Bibliografia

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2001.

BARRETO, João Franco. *Ortografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina de Ioam Da Costa. 1671.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza*. Coimbra: Oficina De Luis Secco Ferreira. 1739.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó - Ortografista do Século XVIII - Para uma história da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura Portuguesa. 1992.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Editora Ática. 3ª edição. 2006.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. 1970.

LINDLEY CINTRA, Luis Filipe. "Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico". In: Primeiro Simpósio de Filologia Românica (Rio de Janeiro 1958). *Anais*. Rio de Janeiro. 1970.

MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras - Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2000.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. Lisboa: Liv. Clássica. 1969.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

WILLIAMS, Edwin. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1973.

Websites:

<http://bdn.bn.pt>

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>

Campinas, 08 de maio de 2008.

Cynthia Tomoe Yano

Charlotte Marie Chambelland Galves